
A experimentação no podcast *Pandemia na Boca do Monte*: radiodocumentário e jornalismo narrativo em ambiente digital¹

Felipe Matias BACKES²

Viviane BORELLI³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

Objetiva-se apresentar os resultados do projeto experimental que documentou, em uma série de três podcasts, a pandemia do coronavírus em Santa Maria e os impactos causados pela Covid-19 em 2020. A partir da experimentação, o trabalho refletiu sobre o uso do radiodocumentário em um contexto digital, dentro de um cenário de convergência (JENKINS, 2013) e de rádio hipermidiático (LOPEZ, 2010). Foram empregadas técnicas e linguagens do jornalismo narrativo e do storytelling, típicas do ambiente digital. Após descrição do processo de produção dos podcasts, foi feita ainda uma análise do produto. A integração entre as plataformas impõe desafios, mas nota-se que os produtos seguem ligados ao formato do rádio analógico. As características do radiodocumentário seguem presentes e renovadas nos podcasts narrativos.

Palavras-Chave: Radiodocumentário; Jornalismo narrativo; Podcast; Storytelling; Pandemia.

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 ficará marcado negativamente na história pela pandemia do novo coronavírus. As consequências da pandemia, além das vidas perdidas, chegam ao cenário econômico, sanitário, psicológico, e atingem a todos. Em Santa Maria, cidade de cerca de 280 mil habitantes, conforme o Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE), localizada na Região Central do Rio Grande do Sul, os impactos também foram sentidos.

Como estudante do último ano de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e profissional do jornal Diário de Santa Maria, me vi inserido, desde o começo, no contexto do desenvolvimento da pandemia na cidade e tive a oportunidade de acompanhar de perto grande parte dos desdobramentos da chegada da Covid-19, muitas vezes restritos à população em geral. Uma oportunidade única para registrar e contar as histórias originadas a partir do contexto pandêmico na cidade e relatar todas as

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Jornalista formado pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: felipeobackes@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM, e-mail: viviane.borelli@ufsm.br.

consequências, inéditas até então, do vírus no âmbito local. A partir daí, surgiu o podcast *Pandemia na Boca do Monte*⁴. O trabalho de conclusão de curso intitulado “A Experimentação no Podcast *Pandemia na Boca do Monte*: Radiodocumentário e Jornalismo Narrativo em Ambiente Digital” foi desenvolvido durante o ano de 2020 e defendido em janeiro de 2021.

O projeto foi concebido para o ambiente digital, em podcast, um formato flexível e que permite a experimentação (LOPES, 2015). Dessa forma, o objetivo do artigo é apresentar os resultados do projeto experimental que visou documentar, em áudio, a pandemia do novo coronavírus em Santa Maria. O projeto também se propôs, como objetivo específico, reviver um formato antigo, nascido no rádio e hoje praticamente esquecido pelo meio que o criou: o radiodocumentário. O documentário em áudio, por suas características, como duração e extenso trabalho de apuração, está em desuso nas rádios comerciais. Com as potencialidades do podcast, o documentário volta a ganhar força e pode voltar a ser explorado. O *Pandemia na Boca do Monte* retoma características deste antigo formato e o alia a técnicas mais recentes, já utilizadas em podcasts narrativos - especialmente jornalísticos - pelo país, como o storytelling.

A CONVERGÊNCIA NO RÁDIO E AS NOVAS POSSIBILIDADES

Jenkins (2013), em sua obra *Cultura da Convergência*, deixa claro: a convergência não é um processo futuro. Estamos vivenciando essa cultura, aqui e agora. “As velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2013, p. 30). O rádio, sobretudo em seu aspecto jornalístico, não está de fora deste processo, tendo passado por profundas transformações, especialmente nas duas últimas décadas, com o advento da internet. Ferraretto e Kischinhevsky (2010) analisam a convergência no meio radiofônico no âmbito dos conteúdos. A convergência obriga a produção de conteúdos também voltados para as demandas dos novos ambientes midiáticos, em especial as mídias sociais, e provoca uma integração entre o rádio e as novas tecnologias digitais. Para os autores, este cenário é percebido de diversas formas no rádio, mas uma modalidade se destaca: o podcast.

⁴ Disponível em:

https://open.spotify.com/show/0PBU0fTUTgwNI6zJYpNMrw?si=z_AJDIDqTpG6XDORm_hUYQ&dl_branch=1. Acesso em 30 de julho de 2021.

Herschmann e Kischinhevsky (2008) analisam o crescimento do podcast e apontam as possibilidades que o formato oferece para a radiodifusão. A primeira, e mais evidente, está no processo de comunicação em si. Para os autores, os receptores passam, cada vez mais, a serem também emissores, por conta das novas condições de produção - que incluem o barateamento dos materiais de informática, ampliação do acesso à internet e a facilidade da distribuição dos podcasts na rede. Conforme os pesquisadores, os conteúdos produzidos a partir desta lógica, na maioria dos casos, permanecem ligados aos formatos já consagrados de programas do rádio analógico, apesar de estarem em crescimento formas de expressão que transcendem a linguagem e a organização dos conteúdos das emissoras comerciais. É neste ponto que o podcast ganha um de seus contornos mais fascinantes: o receptor-consumidor tem a possibilidade de produzir e levar “ao ar” “programações radiofônicas que gostaria de ouvir, mas que não encontra no dial” (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2008, p. 103). É o podcast tomando para si e reinventando formatos típicos do rádio tradicional. Este projeto experimental tem como foco um destes formatos, que atualmente conta com pouco espaço nas rádios comerciais, mas tem crescido nos meios digitais: o documentário.

Para André Barbosa Filho (2003), o documentário em rádio tem como função aprofundar um determinado assunto, com a participação de um repórter condutor. O formato “mescla pesquisa documental, medição dos fatos in loco, comentários de especialistas e envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 102). Kaplún (2017) conceitua o documentário como uma “monografia radiofônica” e compara a função do formato no rádio ao documentário de cinema e a um texto jornalístico aprofundado. Para o autor, o documentário é uma apresentação completa de um tema e, por isso, dura em torno de meia hora, podendo alcançar mais de 40 minutos.

É curioso, porém, que apesar de ser um formato radiofônico, o documentário é praticamente inexistente nas grades de programação, especialmente no Brasil. “Predominam na programação jornalística o radiojornal, o boletim informativo com poucos minutos de duração, os programas de debate e as mesas redondas. Todos têm baixo custo de produção: dependem da pauta diária factual, garantida por um ou dois repórteres em cada turno” (PESSOA, 2010, p. 494). Para a autora, é uma tendência natural que as emissoras apostem em coberturas factuais, que não exigem uma produção

mais extensa. Para Santos e Peixinho (2019, p. 155), “o podcast estabeleceu-se como um produto de nicho que explorou as fragilidades da rádio mainstream e floresceu a partir de uma semente por esta lançada. Com isso, conseguiu entrar onde a rádio cada vez menos lograva fazê-lo: no lugar da escuta atenta”. Um dos formatos radiofônicos que o podcast tem assumido como seu é o documentário. De acordo com a PodPesquisa de 2018, realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (Abpod), documentários interessam a 28,4% do público dos podcasts.

Neste contexto, Lopez (2010) propõe um desafio aos produtores de conteúdo. “Repensar o veículo, suas rotinas, seu público, suas estratégias narrativas, seus suportes de transmissão e, de maneira mais pontual, os gêneros radiofônicos” (LOPEZ, 2010, p. 416). Conforme a autora, esse desafio é proposto pois há o surgimento de uma narrativa multimídia, que é direcionada a um novo público com diferentes demandas de conteúdo, formatos, disponibilizado e tempo.

PODCAST: DA CONCEPÇÃO À DISTRIBUIÇÃO

Desde o começo da popularização da internet, em meados dos anos 1990, é comum o compartilhamento de arquivos de áudio entre usuários da rede. Entretanto, conforme Assis e Luiz (2010), o podcast se diferencia de outros arquivos pela forma de distribuição, o RSS. O RSS “automatiza” a distribuição para os usuários e possibilita downloads automáticos, sem que o usuário tenha que procurar pelo arquivo na web. No Brasil, o primeiro podcast (termo formado na junção do prefixo “pod”, oriundo de iPod, com o sufixo “casting”, originado da expressão “broadcasting”, transmissão pública e massiva de informações) surgiu naquele mesmo ano. Foi o Digital Minds, de Danilo Medeiros. A popularidade do formato cresceu progressivamente desde então e, em 2019, viveu o momento de maior expansão do interesse do público. Foi publicada, em outubro de 2019, uma pesquisa⁵ encomendada pela plataforma global de streaming Deezer que apontou este crescimento. De acordo com o levantamento, em um ano, o consumo de podcasts aumentou 67% no Brasil.

Vanassi (2007) chama a atenção para quatro características necessárias para que um podcast seja assim classificado. A simples publicação de um arquivo de áudio na internet não caracteriza um podcast. A primeira característica é a produção: o usuário

⁵ Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/10/21/impulsionado-por-streaming-consumo-de-podcast-cresce-67-no-brasil-em-2019.htm>. Acesso em 30 de julho de 2021.

precisa criar um arquivo de som por si só. Não é necessário um grande investimento ou capacidade técnica. “Qualquer pessoa com um computador equipado com um microfone, fones de ouvido e uma placa de áudio com capacidade de gravação e reprodução de sons está habilitada a produzir podcasts” (VANASSI, 2007, p.55). O tipo de arquivo também é levado em consideração. Conforme o autor, o arquivo não pode ser grande em volume de dados, para que os usuários possam realizar o download nos computadores e dispositivos móveis. Os formatos de arquivo mais comuns são MP3, WMA e OGG. Outra característica é a disponibilidade. Os arquivos devem estar acessíveis na internet 24 horas por dia. A quarta característica é o acesso. Assim que um novo episódio é publicado, o usuário precisa ser informado, geralmente através da ferramenta RSS, abordada anteriormente. Kischinhevsky (2009) aponta para outra característica, usada para diferenciar o podcast da radiodifusão convencional: a recepção do conteúdo. No podcasting a recepção é assíncrona, ou seja, o usuário decide o quê, quando e como vai ouvir o conteúdo assinado.

O podcast é um formato flexível e que permite a ampla experimentação. “Ao contrário de outras mídias tradicionais, como jornal, rádio ou TV, não há uma fórmula ou manual para se fazer podcasts, um padrão que deva ser seguido por todos. Essa é, inclusive, uma das características que faz o podcast ser tão fascinante: a flexibilidade” (LOPES, 2015, p. 12). Mesmo com a flexibilidade proporcionada pelo formato, Lopes (2015) organiza cinco passos básicos para a confecção de um produto podcast: produção, gravação, edição, publicação e distribuição. O autor descreveu todo o processo naquele que é uma das únicas obras brasileiras que detalha os aspectos práticos para se dar vida a um projeto do tipo: Podcast: Guia Básico, publicado em 2015.

Portanto, o podcast, no meio jornalístico, pode ser uma ferramenta poderosa na renovação da linguagem radiofônica. Ele “força uma renovação na linguagem radiofônica jornalística, uma vez que as informações mais recentes e importantes já foram vistas na própria internet, na televisão ou no rádio convencional. O podcast precisa ir além, precisa apresentar análises e comentários” (VAISBISH, 2006, p. 23)..

JORNALISMO NARRATIVO EM PODCAST, STORYTELLING E A REINVENÇÃO DO RADIODOCUMENTÁRIO

Um novo gênero jornalístico explorado neste trabalho é o jornalismo narrativo. O gênero foi abraçado e ganhou força a partir dos podcasts. Kischinhevsky (2018) busca

caracterizar o gênero no meio radiofônico, o que inclui a modalidade do podcast. “Uso de trilha sonora para evocar sentimentos - afeto, medo, raiva - e sensações - suspense, alegria. A linguagem se aproxima da (e também atualiza a) contação de histórias” (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 79). O gênero narrativo, para Kischinhevsky (2018), envolve reportagens investigativas, com extensa apuração que permite uma reconstituição de cenas, de ambientações, além de reportagens de interesse humano, que buscam sensibilizar o ouvinte e estabelecer vínculos com os personagens. A convergência destas características com as possibilidades proporcionadas pela evolução tecnológica dá a esse gênero, principalmente quando ecoado em podcasts, um poder imersivo do ouvinte na narrativa. “O podcast se apropria de estratégias imersivas já utilizadas pelo rádio tradicional enquanto lança mão dos recursos proporcionados pelas plataformas digitais, como o espaço/tempo ilimitado para abrigar as produções” (VIANA, 2010b, p. 6).

Uma técnica que vem sendo amplamente usada em podcasts narrativos é o storytelling, que reúne várias das características já mencionadas neste capítulo, com algumas particularidades. De modo geral, conforme Viana (2020a), o storytelling busca priorizar sentimentos e a representação de personagens humanos. Para Viana (2020a), o storytelling “traz as características da humanização de narrativas, recorrendo ao encadeamento dos fatos voltado para o envolvimento do contar histórias, aliado à transmissão da informação. Como parte de sua estrutura, apontamos que o lead muitas vezes é substituído pela descrição da cena” (VIANA, 2020a, p. 290).

Santos e Peixinho (2019), ao analisarem podcasts de não-ficção que utilizam a técnica do storytelling, relatam não ter encontrado a narrativa distanciada, característica da abordagem jornalística tradicional, mas sim “uma enorme proximidade que resulta de dois aspectos: da relação estabelecida entre o locutor e o ouvinte e, sobretudo, do foco nas narrativas pessoais não ficcionais” (PEIXINHO; SANTOS, 2019, p. 151). Para os autores, o podcast estabeleceu-se como um espaço privilegiado para o renascimento do modo de contar histórias reais no meio radiofônico, como um produto de nicho que explora fragilidades da linguagem radiofônica tradicional, principalmente no sentido da escuta atenta. E por que renascimento? “Encontra-se uma reciclagem de modos ancestrais, nomeadamente da arte de contar e ouvir histórias” (SANTOS e PEIXINHO, 2019, p. 155). Um destes “modos ancestrais” é o documentário. Os autores enxergaram uma reabilitação do formato.

O MÉTODO EXPERIMENTAL DO PANDEMIA NA BOCA DO MONTE

A experimentação foi pensada no sentido de usar um formato tradicionalmente radiofônico, o radiodocumentário, e adaptá-lo ao meio digital, para veiculação através de podcasts, com o uso de técnicas e linguagens do novo ambiente e presentes em produções de jornalismo narrativo e storytelling. Os produtos foram pensados para explorar ao máximo todos os materiais coletados durante o trabalho jornalístico realizado durante a pandemia, de forma a documentar o período vivido com riqueza de detalhes. Aqui, se justifica a escolha do formato documentário e da plataforma podcast, um meio digital. “Na web, dissolvem-se (pelo menos para efeitos práticos) os limites de espaço e/ou tempo que o jornalista tem à sua disposição para a apresentação do material noticioso que produz” (PALACIOS, 2010, p. 44). Foram elaborados três episódios com temáticas distintas, mas que se conectam.

É possível identificar pelo menos cinco etapas durante o processo de produção. As etapas são semelhantes, mas não idênticas às descritas por Lopes (2015). Na primeira fase, ocorre a apuração e a coleta dos materiais que serão utilizados nos episódios. Esta etapa é imediatamente anterior à construção do roteiro. São várias as formas de obtenção de materiais utilizados neste trabalho. Para reconstruir o período pandêmico em Santa Maria, utilizei fontes primárias e secundárias. “Fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais” (LAGE, 2001, p.65). Foram ouvidas fontes testemunhais, como profissionais que atuaram no front de combate ao coronavírus, dentro dos hospitais, como também experts, as fontes secundárias, que possuem um poder maior de análise do contexto geral. O trabalho de apuração foi realizado entre março e novembro de 2020, no dia a dia produtivo da redação do jornal Diário. Por estar inserido no contexto da redação do jornal, tive acesso à fontes e vivências em situações oficiais, como a reunião ocorrida no Prédio da Cacism, relatada no episódio 2, que não seriam possíveis sem a credencial do Diário. As entrevistas com profissionais do jornal, utilizadas nos dois primeiros episódios, foram concedidas com a ciência de que se tratava de um projeto experimental de conclusão de curso de graduação.

A pesquisa também permeou o processo de apuração dos podcasts. Para reconstruir o dia a dia da pandemia, foram utilizadas informações contidas em notícias publicadas na mídia local, principalmente as publicadas pelo Diário. A produção é um processo importante, pois é nesta etapa que o podcast começa a tomar forma. São os materiais coletados aqui que permitem que o produto final seja interessante ao ouvinte, e não enfadonho, como alertam Chantler e Harris (1998). Como lembrado por Viana (2020b) a apuração in loco é essencial, pois permite a captação de áudios que ajudam na imersão de quem escuta o produto final. A apuração segue mesmo durante o andamento das outras etapas. Dentro da sequência de produção, o outro passo realizado foi a roteirização. Nesse momento, ocorre a organização dos materiais coletados de forma narrativa, para servir como base para a posterior gravação de offs e finalização do material. Nesta fase, é escrito o roteiro, com os offs a serem gravados e a definição do momento da entrada de sonoras e entrevistas. Aqui, há uma diferenciação do trabalho prático com o descrito por Lopes (2015). Para ganhar tempo e facilitar o trabalho de edição do produto final, realizei, conjuntamente com o roteiro, uma pré-edição. Os materiais coletados já eram cortados e renderizados conforme a definição do roteiro, o que agiliza a edição final do material. Cada palavra dita durante o podcast está no roteiro. A ferramenta utilizada para a construção do roteiro foi o Google Docs. Na roteirização, é definido como será a participação do repórter condutor descrito por Barbosa Filho (2003) ao falar das características de um radiodocumentário. Nos podcasts produzidos, este condutor, representado pelo narrador, costurou os diferentes materiais, como sonoras, entrevistas, e deu voz para informações complementares, que auxiliam na compreensão dos fatos. Chantler e Harris (1998) também falam sobre a função do repórter em conectar as informações trazidas no documentário. Todas as participações do repórter condutor foram previamente roteirizadas.

Com o roteiro finalizado e os materiais prontos para a edição, é realizada a gravação dos offs do repórter condutor, que encadeiam a narrativa do episódio. Por conta da pandemia, a gravação foi realizada em casa, em um estúdio improvisado. Foi utilizado um microfone Beringher XM8500 conectado a um Iphone, que serviu como placa de captura. Conforme Lopes (2015), este é um dos momentos mais importantes da produção do podcast, pois define a qualidade sonora de grande parte do episódio. Durante a confecção dos podcasts, busquei dar, apesar das condições improvisadas de gravação, o máximo de qualidade ao som de gravação. O estúdio improvisado foi

cercado por toalhas com o objetivo de abafar ecos e ruídos externos. Apesar do esforço, alguns ruídos ainda foram captados pelo microfone, mas excluídos do produto final artificialmente no processo de edição. Nas captações externas (entrevistas, sons ambientes, locuções na rua) é impossível atingir o mesmo nível de qualidade de um estúdio. Esses materiais foram gravados com o microfone embutido em um smartphone Samsung A20.

Após a gravação, inicia o trabalho de edição. O software utilizado foi o Reaper, gratuito e de simples manuseio, rodado em meu computador pessoal, um Acer Nitro 5. Todos os materiais, (offs, sonoras e entrevistas) foram dispostos conforme descrito no roteiro. A utilização de trilhas não foi roteirizada - elas foram inseridas durante o processo de edição. Nesta fase, ocorrem cortes e rearranjos no que foi anteriormente definido no roteiro. Ou seja, durante a edição, também se dá uma roteirização tardia. Muitas vezes, o que é planejado no roteiro se torna enfadonho ou irrelevante no momento da materialização em áudio e materiais precisam ser reavaliados e cortados. Ou seja, em meio ao processo de edição, é preciso trabalhar constantemente o roteiro e, em casos extremos, retornar à gravação. Chantler e Harris (1998, p.166) chamam a atenção para a necessidade de manter um ritmo durante um radiodocumentário. Uma sonora de grande duração ou um depoimento tedioso costumemente quebram o ritmo da produção. Com atenção, é possível evitar problemas do tipo já durante o roteiro.

A versão final de cada episódio, editada e revisada, foi hospedada na plataforma digital Anchor, plataforma gratuita para criação e distribuição de podcasts. Automaticamente, a plataforma distribuiu, por RSS, os episódios para outros cinco agregadores de podcasts: Spotify, Breaker, Google Podcasts, Pocket Casts e Radio Public.

EPISÓDIO 1 – O COMEÇO

O episódio começa com uma breve contextualização, antes mesmo da vinheta de abertura, para situar o ouvinte na premissa do podcast. De começo, o objetivo foi retratar o impacto da pandemia na realidade. Optei por usar o esporte como linha narrativa dos primeiros 14 minutos para mostrar, na prática, as drásticas mudanças ocorridas em poucos dias. A ideia foi contextualizar o assunto de forma inteligível até para quem não é familiarizado com o esporte. Em seguida, é apresentado um contexto global do que é o coronavírus e como a pandemia se espalhou por diversos países do

mundo e chegou ao Brasil, a ponto de interferir nas atividades relatadas anteriormente. A partir do minuto 21, volto ao aspecto local, e passo a descrever os primeiros momentos da pandemia do coronavírus em Santa Maria de forma cronológica, do primeiro caso suspeito até a primeira confirmação. Utilizo neste trecho fragmentos de edições do programa Direto da Redação, veiculado em live na página do Diário no Facebook, para marcar momentos importantes deste período. Conforme lembra Viana (2020a), o uso de fragmentos de notícias veiculadas na imprensa traz credibilidade e autenticidade ao que é dito, além de ajudar a compor a narrativa e trazer informações sem a necessidade de uma locução. O episódio tem no total 34 minutos e 26 segundos e foi renderizado no formato MP3, com um tamanho digital de 31,5 megabytes.

EPISÓDIO 2 – A VIDA IMPACTADA

O segundo episódio, bem como o primeiro, tem uma breve contextualização antes mesmo da vinheta inicial. O objetivo é situar o ouvinte ao relembrar o ponto de partida do episódio: o primeiro caso confirmado de coronavírus no município, que também foi a deixa do primeiro episódio, com a ideia de ser, na prática, uma continuação. É o caráter seriado relatado por Viana (2020), uma característica do podcast que permite dar um quadro abrangente ao assunto tratado, sem limitá-lo a apenas uma produção. Utilizo mais sons ambientes e descrições para recriar como a cidade se comportou na primeira semana após o caso confirmado. Conforme Cunha e Mantello (2014), este esforço de recriar cenas para o ouvinte é uma das características do storytelling. O uso de sons ambientes gravados in loco é recomendado por Chantler e Harris (1998) em documentários sonoros, pois agregam força e veracidade ao que é dito.

Na sequência, relato um momento decisório importante para a cidade: uma reunião entre poder público e entidades da sociedade civil para decidir o fim ou não das restrições ao comércio. Antes da reunião, relato a discussão levada a cabo na cidade sobre o tema, trago a palavra de especialistas e faço um esforço para a imersão do ouvinte. De acordo com Kischinhevsky (2018), essas são todas características do jornalismo narrativo. O repórter verbaliza impressões e opiniões de forma a proporcionar, como lembra Viana (2020b), ao ouvinte a imersão no fato narrado por meio da experiência particular, o que cria uma relação diferente entre informação e ouvinte. Há também a utilização de fontes oficiais, como a fala do governador Eduardo

Leite ao proibir a atividade do comércio, em abril, a partir de 15min02s. Também incluí no episódio uma narração gravada por mim, no centro da cidade, no primeiro dia em que Santa Maria foi classificada com bandeira vermelha no Modelo de Distanciamento Controlado. Foi uma espécie de entrada “ao vivo”, uma característica dos radiodocumentários trazida por Barbosa Filho (2003). Além das descrições, o episódio também busca entrar no campo da análise dos fatos e aprofundar o tema tratado. Essa análise é característica tanto da linguagem do podcast quanto do radiodocumentário. Como lembra Vaisbich (2006), é obrigação do podcast ir além e apresentar análises e comentários. Almeida e Magnoni (2009) também consideram o aprofundamento como uma tendência do jornalismo digital. Para cumprir este papel, decidi incluir no episódio as falas do jornalista Deni Zolin, colunista do Diário especializado na área da Economia. Ele acompanhou de perto todas as mudanças, os impactos e os dados da pandemia durante 2020.

É perceptível, já neste segundo episódio, uma evolução no trato com o áudio a partir da experiência de edição acumulada do primeiro episódio. Nas locuções, passei a eliminar hesitações e pausas de respiração, o que acelera o ritmo das locuções. O uso de trilhas, por vezes mais aceleradas, por vezes mais lentas, também auxilia na marcação de um ritmo ao episódio. Na abertura e no fechamento do episódio, utilizei trechos das músicas “Its the end of the world”, da banda americana REM, e “O dia em que a Terra parou”, de Raul Seixas. Não existe uma fórmula pré-definida (LOPES, 2015) para a confecção de podcasts, o que abre margem para experimentações e para o uso da criatividade. Chantler e Harris (1998) caracterizam o radiodocumentário com a possibilidade do uso da criatividade no uso de efeitos sonoros e musicais, bem como Viana (2020), que afirma que a criatividade do repórter é crucial para envolver o ouvinte. O episódio tem 40min52s e foi renderizado no formato MP3, com um tamanho digital de 37,4 megabytes.

EPISÓDIO 3 – A LUTA PELA VIDA

O episódio três busca trazer os aspectos mais humanos da pandemia, com relatos de profissionais de saúde e familiares de vítimas, além de descrever a organização dos chamados “fronts de batalha”, como hospitais e pronto-atendimentos. No episódio, também falo dos números da pandemia na cidade e da busca pela vacina.

Os dez primeiros minutos são destinados ao relato do trabalho de profissionais da saúde durante a pandemia. Os depoimentos são encadeados com o auxílio do repórter condutor. Ao todo, durante o episódio, foram ouvidos os relatos de quatro profissionais da saúde. Kischinhevsky, ao caracterizar o jornalismo narrativo, fala da prioridade em ouvir as falas das fontes escolhidas. A imersão, para Viana (2020), também se dá a partir da humanização, que coloca o personagem e as histórias do cotidiano.

Optei por não usar marcações óbvias em momentos em que o assunto muda dentro do episódio. Busquei marcar as trocas suavemente por meio da mudança da trilha sonora. Nesse momento, a trilha anterior, que acompanhou o relato dos familiares, que é mais pesada e lenta, termina, e começa outra, mais leve, que acompanhará o desenvolvimento do assunto seguinte. É o que Kaplún (2017) chama de função expressiva da trilha sonora. Aqui, a trilha cria um clima emocional, uma atmosfera, como forma de caracterizar um personagem. A trilha assume um papel de fundo sonoro, de forma a complementar o que é dito em primeiro plano.

O relato dos testes da vacina da Covid-19 foi realizado em primeira pessoa, intercalando sons ambientes e falas de um especialista. Como fui voluntário no teste, passei por todo o processo da vacinação e tive a oportunidade de criar um relato detalhado. Como lembra Viana (2020), a imersão do repórter contribui para a imersão do ouvinte, pois há a possibilidade do relato mais detalhado do fato. O episódio tem 49min23s e foi renderizado no formato MP3, com um tamanho total de 45,2 megabytes. Todos os três episódios foram revisados e receberam correções antes da renderização final e upload nas plataformas de hospedagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o trabalho permeou-se por um inédito contexto pandêmico. A partir da proposta de documentar em áudio diferentes aspectos da pandemia no município de Santa Maria, a solução encontrada para isso foi o uso do formato podcast, que cresce cada vez mais em popularidade e é aberto à experimentação. Entretanto, em um cenário de convergência, proposto por Jenkins (2013), e de hipermediatização do rádio (LOPEZ, 2010), não bastava apenas produzir um radiodocumentário e distribuí-lo pelas plataformas de RSS. O Pandemia na Boca do Monte bebeu de várias fontes, e trouxe a premissa do documentário para as modernas, e ainda pouco exploradas no mercado e na academia, técnicas do jornalismo narrativo e do storytelling em podcasts.

E isso ficou evidente durante a construção dos produtos desse projeto experimental. O processo não se deu a partir de um único manual ou técnica, mas de uma mistura de conceitos. As etapas básicas da confecção dos produtos seguiram uma variação do que é proposto por Lopes (2015). Por vezes, etapas se inverteram ou sobrepuseram, sem deixar uma clara distinção entre elas. Portanto, propor-se a realizar um podcast com o viés do radiodocumentário é desafiar-se. O autor é, do início ao fim, sujeito atuante na confecção do material. E é essa uma das primeiras constatações ao se trabalhar, na prática, com radiodocumentários, storytelling, jornalismo narrativo e, sobretudo, podcast. Também é possível constatar que o radiodocumentário não está extinto, apesar de praticamente não existir no rádio brasileiro. Suas premissas e características seguem presentes e renovadas nos podcasts narrativos. A partir do exercício prático e da reflexão teórica, como relatado neste trabalho, visualiza-se que ambos os formatos se assemelham em diversas características.

A partir da experimentação, percebo algumas lacunas e desdobramentos possíveis para eventuais futuras pesquisas e até mesmo para o mercado da comunicação. Do ponto de vista acadêmico, há a necessidade de entender de que forma o jornalismo narrativo em áudio, tratado, em grande parte das produções, como algo novo, se apropriou de técnicas e características do antigo radiodocumentário. Há ainda a possibilidade de um olhar mais voltado para os ouvintes. Entender quem, como e onde estão as pessoas que consomem podcasts narrativos, e estudar a circulação deste tipo de produto no ambiente digital. Para o mercado, há o desafio de adotar o formato como uma possibilidade de aprofundamento dos conteúdos, em um contexto atual de foco no que é instantâneo e factual. Apesar de exigir um esforço exclusivo e tempo para a produção, é possível utilizar nos podcasts materiais produzidos no dia a dia produtivo das redações sem que tenham sido exclusivamente captados com essa finalidade, como visto nesse trabalho. Como o formato exige criatividade e permite a inventividade, os veículos de comunicação poderiam adotá-lo, com as adaptações necessárias, dentro das rotinas de produção diárias. A divulgação do formato em plataformas digitais de empresas de comunicação auxiliaria na consolidação desse tipo de produção. Entretanto, ainda parecem ser poucas as iniciativas neste sentido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carolina; MAGNONI, Antônio Francisco. Rádio e internet: recursos proporcionados pela web, ao radiojornalismo. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2735-1.pdf>. Acesso em: 21 de outubro de 2020

ASSIS, Pablo de; LUIZ, Lucio. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Santos. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>. Acesso em 18 de novembro de 2020.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da; MANTELLO, Paulo Francisco. Era uma vez a notícia: *storytelling* como técnica de redação de textos jornalísticos. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru-SP, v. 9, n. 2, p. 56-67, mai./ago. 2014. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/185>. Acesso em: 27 de outubro de 2020.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 17 n. 3, p. 173-180, set./dez. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8185>. Acesso em: 17 de outubro de 2020.

HERSCHMANN, Micael. KISCHINHEVSKY, Marcelo. A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e entretenimento. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 15, n. 37, p. 101-106, dez., 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4806>. Acesso em: 19 de setembro de 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2013.

KAPLÚN, Mario. **Produção de Programas de Rádio: do roteiro à direção**. Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (org.). São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Cultura da portabilidade – Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. **OberCom**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 223-238, 2009. Disponível em: https://www.ufrgs.br/estudioderadio/wp-admin/textos/cultura_da_portabilidade.pdf. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, [Santiago de Compostela], Espanha, v. 5, n. 10, p. 74-81, out. 2018. Disponível em: <http://www.revistaieic.eu/index.php/raeic/article/view/148>. Acesso em: 20 de outubro de 2020.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOPES, Leo. **Podcast: guia básico**. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-podcast-guia-basico-leo-lopes-em-pdf-epub-e-mobi-ouler-online/>. Acesso em: 25/10/2019.

LOPEZ, Debora Cristina. Aproximação aos níveis de convergência tecnológica em comunicação: um estudo sobre o rádio hipermediático. In: FERRARETTO, Luiz Artur (org.). KLÖCKNER, Eduardo (org.). **E o Rádio?: novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. p 432-445.

PALACIOS, Marcos. Convergência e Memória: Jornalismo, Contexto e História. **Matrizes**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 37-50, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38274/41083>. Acesso em: 29 de novembro de 2019.

PEIXINHO, Ana. SANTOS, Sílvio. A redescoberta do *storytelling*: o sucesso dos podcasts não ficcionais como reflexo da viragem. **Estudos em Comunicação**, Coimbra, n. 29, p. 147-158, dez. 2019. Disponível em: <http://doc.ubi.pt/ojs/index.php/ec/article/viewFile/555/pdf>. Acesso em 15 de setembro de 2020.

VAISBISH, Renato. Ganhos e perdas de uma renovada linguagem radiofônica jornalística, via podcast. **Revista Brasileira de Marketing**, São Paulo, v. 5, p. 13-25, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/remark/article/view/10263>. Acesso em: 3 de dezembro de 2020.

VANASSI, Gustavo Cardoso. **Podcasting como processo midiático interativo**. Monografia (Bacharel em Publicidade e Propaganda) - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul. P.75. 2007.

VIANA, Luana. O uso do *storytelling* no radiojornalismo narrativo. **RuMoRes**, [S.l.], v. 14, n. 27, p. 286-305, jul. 2020a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/167321>. Acesso em: 5 de dezembro de 2020.

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 43., Virtual, dez. 2020b. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0429-1.pdf>. Acesso em 8 de dezembro de 2020.